



# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O problema económico

A sociedade socialista será, sob o ponto de vista da sua estrutura económica, uma federação de cooperativas nacionais de produção, produção que terá de ser orientada no sentido do seu melhor rendimento.

A guerra europeia indicou a todos os países a conveniência de se bastarem economicamente a si mesmos. Deste modo um país que não tinha condições, as mais favoráveis, para produzir trigo, milho, arroz ou batata, era forçado a produzir aqueles géneros. Está-se a ver o erro económico a que conduz semelhante critério que, justo é dizê-lo, se justificou plenamente perante as circunstâncias criadas a cada país pela guerra marítima que impossibilitava ou dificultava o abastecimento e que, acrescentados, teria ainda razão de subsistir se permanecesse de futuro a atmosfera bélica que respirávamos até Agosto de 1914. Mas supomos encerrado o ciclo das grandes contendas militares com o advento do socialismo e não há por isso razão de prosseguir amanhã em semelhante desonchavo económico.

Figure-se o disparate de querer obrigar o nosso país, cuja média de produção de trigo é de 9,5 hectolitros por hectare, a produzir os 864.000.000 de quilogramas de trigo necessário ao nosso consumo anual, supondo que só trigo consumíssemos, contando 6.000.000 de indivíduos a uma capacitação de 400 gramas por dia...

Os hectares destinados à cultura forçada do trigo, nada menos de 1.200.000, ou seja 117 do território nacional, dariam muito maior rendimento com a aplicação de outras culturas — a vinha, os pomares, as forragens para os gados, por exemplo. Se determinada superfície cultural produz 50 em vinha ou pomar e apenas 40 em trigo ou outra espécie cerealífera, porque se deve preferir a segunda à primeira cultura menos lucrativa? Entretanto este erro pratica-se hoje vulgarmente porque os interesses dos membros da sociedade não são idênticos, porque os Estados inauguram regimes de proteccionismo às suas indústrias, proteccionismo que favorece sempre uma minoria em detrimento da massa geral da população. Vamos exemplificar.

Antes da guerra o trigo de produção nacional era pago à lavoura a 6,8 centavos o quilograma, ao passo que o trigo exótico, de procedência russa ou americana, custava 4 centavos o quilograma, cif. Tejo. Ora sendo as nossas necessidades de consumo de trigo computadas em 432.000 quilos de trigo, para metade da população, visto que a outra metade se alimenta de milho, vê-se que, com a diferença de 2,8 centavos em quilograma, se extorquia à massa dos consumidores nada menos de 12.095.000\$000. Pode o socialismo victorioso permitir esta iniquidade? Cada país, sob o ponto de vista agrícola ou industrial, tem as suas aptidões e são essas que convém aproveitar e desenvolver. É certo que as condições agrícolas e climatéricas se modificam pelo engenho e esforço humano. Se o Estado, entre nós, em vez das leis proteccionistas proporcionasse medidas de fomento agrícola — desenvolvimento das vias de comunicação e barateamento dos transportes, irrigação, capitais baratos, ensino profissional, etc., outro e bem diverso seria o estado da nossa agricultura. Mas o que não fez o Estado histórico, coacto e embaraçado perante o antagonismo de interesses, fê-lo há o socialismo, que não tem a prendê-lo e enleá-lo esses obstáculos.

A sociedade socialista não poderá permitir o levantamento de barreiras que vedem as entradas dos produtos mais baratos de fabricação estrangeira, medida que

só serve a arranjar receitas para o Estado com prejuízo manifesto dos interesses económicos dos povos. Em 1914 importamos nós 21.000 contos de substâncias alimentares que pagaram de direitos aduaneiros 9.500 contos ou seja 45%. E o povo apavorado perante a carestia dos géneros determinada pela guerra era ao Estado que reclamava providências contra a especulação mercantil. Quem mais do que o Estado contribui para o encarecimento da vida? Um quilograma de açúcar estrangeiro custava nos princípios de 1914, posto na alíquota, 6,5 centavos. Pois sabe o leitor quanto de direitos cobrava o Estado em cada quilograma? Nada menos de 14 centavos ou seja mais de 200 o! E esta situação de constante e ferina extorsão ao bolso do consumidor persistirá de cada vez mais agravada enquanto houver um Estado que mantenha o inumerável exército dos burocratas civis e militares.

Os socialistas, dispondo livremente das terras e de todos os agentes naturais da riqueza, das ferramentas e dos capitais, sabendo que todo o aumento de riqueza em seu benefício reverte, saberão em cada país elevar ao máximo a produção e orientá-la no sentido mais proveitoso.

Não pretendemos ocultar os embaraços económicos que a revolução socialista vai encontrar entre nós. É que a nossa acção governativa tem sido encaminhada mais no sentido de acudir às necessidades do Estado do que às necessidades da nação, dando-se o caso paradoxal daquele engordar com a pobreza desta. Quanto mais escassa é a produção nacional maiores necessidades há de importação e quanto mais se importa mais o Estado cobra de direitos alfandegários.

Mas vejamos os embaraços económicos que a revolução encontrará:

No quadriénio de 1910-1913 a importação de diversas mercadorias para consumo foi, em média anual, de 75.306 contos, a exportação nacional e nacionalizada de 34.848 e o déficit de 40.458.

Destruindo, a importação incidu sobre:

Animais vivos.....	2.744
Materiais primas para as indústrias.....	33.066
Óleos, tecidos, feltros, etc.....	7.897
Substâncias alimentares.....	15.771
Aparelhos, máquinas, etc.....	7.093
Manufaturas diversas....	6.578

Ora o Portugal socialista não pode continuar no regime do déficit comercial. Não havendo que contar com o comércio das especiarias da Índia ou com as minas do Brasil, nem tampouco com a remessa dos cambiais dos emigrantes, novo horizonte económico se tem de fixar. E como o Portugal socialista será uma sociedade comercial em que todos os portugueses, sem exclusão, tem participação de lucros, de duas uma: ou arrancamos da terra e do litoral, à força de estudo, de método, de disciplina e de trabalho, os 40.000 contos de mercadorias que pedimos anualmente ao estrangeiro ou a sociedade em que somos participantes tem de falir estrepandamente.

J. Carlos Rates

### Os acontecimentos da Índia

Uma informação do governo britânico

LONDRES, 18. — Oficial. — Melhorou a situação da Índia. Três agitadores foram presos em Tahore e deportados em seguida.

As lojas já abriram tanto em Tahore como em Ameriztar.

Durante os tumultos em Ameriztar, uns cinquenta cipaios dispersaram a tiro uns quarenta mil desertores.

Em Bombaim há sossego.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### O dia de oito horas

Foi decretado para a indústria o dia normal de oito horas de trabalho. Uma velha aspiração proletária está — tão longamente e tão persistentemente defendida — que mais remédio não tiveram os governantes senão reconhecer-lhe a justiça. Na indústria em geral, segundo o recente decreto, trabalhar-se há oito horas por dia. O diabo é que entre a publicação de um decreto e a sua execução vai um abismo. Um abismo que só a acção operária poderá transpor, que, sem essa acção, terá o diploma governativo agora editado a mesma validade que tantos outros dados a público por aquela fecunda empresa de publicações da Imprensa Nacional.

### Antropofagia

Tamanha é a fome na Rússia que a este extremo se chegou: a carne humana é empregada como produto alimentar. Pelo menos, assim o informa o *Paris*, um interessante quotidiano do Rio de Janeiro, que publica quasi tantas páginas como trapalhões, em obediência à regra. O que se segue é que, não podendo, por mor do bloqueio, vir carne de fora, os russos desandaram a comer-se uns aos outros, por vários modos, a exemplo de que fizeram os grilos da fábula. Nas portas dos talhos russos, patenteiam-se rígidos tassalhos de carne humana depenurada, e por modos dela fazem largo consumo as clientes matinais. Um bife arrancado às nádegas de um judeu de Nijni-Novgorod, frito com batatas, constitui o habitual almoço das populações russas. Para o jantar, umas mãosinhas de *mujik* à jardineira, e assim se vai vivendo, como Deus quer. O jornal carioca o diz, e ele lá saberá porque o diz. E tal vez ninguém se lembre de oferecer ao redactor respectivo, a título de curiosidade e como prémio da sua actividade investigadora, um pedaço daquela carne humana que os russos, em seu dizer, entregam agora ao geral consumo.

### Apalpadores

O salariato é já de si, mesmo que suavizado por um mais liberal critério do patronato, altamente humilhante e vexatório. Nalguns estabelecimentos industriais contratam-se os operários por um modo que lembra os ajustes para compra de alimárias em feira de cigano. O vexame vai até ao revoltante, naquelas fábricas onde é de uso apalpar o pessoal à saída, para verificar se os operários subtraem alguma coisa, inspirando-se no exemplo geralmente dado pelos patrões. Esta prática presunçosa e o conceito patronal de que os trabalhadores são em regra gatunos. E tem a gente de si sofrendo tudo isto, e aturar por cima as parlendas de quanto parvalhão: aí se mete a discreta sobre conduta operária. A Companhia União Fabril é um dos estabelecimentos onde os operários são habitualmente apalpados, com toda a maldade, dos pés à cabeça, a ver se alguma coisa aparece a mais. A apalpadeira realiza-se à hora de jantar, dentro dessa hora, desfalando-se assim o pessoal num espaço de tempo que vai encurtar-lhes o descanso e a tranquilidade da refeição. Por cima da humilhação, o prejuízo. Apesar de tudo, muitas encasacadas individualidades, que, felizmente para o prestígio de que gosam, não são apalpadas, julgarão inoportuno ou injustificado qualquer gesto mais violento, que, por amor à própria dignidade, os operários levem a efeito.

## Uma carta de Lerroux

### A condenação da monarquia e o elogio da república

MADRID, 19. — Numa carta profusamente espalhada ontem em Madrid, o sr. Lerroux diz que a monarquia tem prolongado a sua existência em Espanha graças à política dinástica instituída por Cánovas del Castillo, consistindo no estabelecimento do rotativismo dos partidos que desde então se tem sucedido sem nenhuma vantagem para a pátria.

Os srs. Romanones e Mañra, diz ele, são partidários desta política sem que nenhum deles possua no parlamento forças preponderantes.

O sr. Lerroux apresenta em seguida certas considerações de ordem republicana que a censura suprimiu; depois sustenta que convém demonstrar ao mundo reunido para a conferência da paz que a Espanha não é um povo morto.

O povo, a raça e a pátria são imortais e a única forma capaz de os salvar é a soberania nacional representada por uma república.

O *Imparcial* declara que todo o bom governo deve ser apoiado pela opinião, diz que este se assemelha a sombras que se passeiam num deserto; sem o concurso da opinião os decretos do governo e todas as ordens ministeriais não aumentam nada a sua força. — H.

### Conselho de ministros

Os ministros que estão em Lisboa reuniram-se ontem de tarde em conselho na secretaria do interior.

A Batalha em Viana do Castelo, encaminha-se a vender no mercado da vinha de Alforno, à Praça da República.

## O ESPECTÁCULO DE A BATALHA

## Uma grandiosa festa de arte

Um programa que demonstra a vitalidade artística da mocidade portuguesa

Longe estávamos de supor, ao anunciar uma festa de homenagem ao nosso jornal, que o entusiasmo dos nossos amigos excedesse em tanto a nossa expectativa. Os bilhetes para essa peça esgotaram-se rapidamente e tem nos sido difícil conter... com desculpas alguns dos nossos mais dedicados camaradas.

Este entusiasmo revela bem de quanta dedicação é capaz o ânimo dos nossos companheiros, sabendo-se por demais que os benefícios materiais do espectáculo revertirão em proveito e para melhoramentos da Batalha.

Tudo se prepara para que este benévolo e consciente acolhimento tenha uma larga e inteligente compensação na festa que se prepara com não menor dedicação. Para o programa, de cuja organização se encarregou o nosso camarada Eduardo de Freitas, recebemos hoje a gentilíssima anuência do brilhante concertista de violino Flávio Rodrigues, ao pedido daquele nosso amigo. Também se anuncia um solo de violoncelo por uma das nossas mais distintas artistas.

O programa completo vai certamente despertar uma extraordinária animação, pois compreende a representação de duas belas peças de teatro, cuja representação está a cargo dos nossos mais inteligentes artistas novos, entre os quais se contam as gentilíssimas atrizes Lúcia Garcia e Elvira Costa, e uma parte exclusivamente musical de

### Posto de Socorros "Solidariedade Operária"

Um pequeno grupo de operários das obras do hospital do Desterro instalou um posto de socorros médicos, que denominaram "Posto de Socorros Solidariedade Operária", oferecendo-nos para nestas colunas lembrarmos aos camaradas das outras obras a conveniência e utilidade da criação de outros postos naquele género.

## No Vale de S. Tiago

### Uma carta a propósito das perseguições aos rurais

Camaradas redactores da Batalha: — O sr. Marcos Bentes, rico proprietário nesta cidade e reaccionário dos quatro costados, (católico impenitente, conservador e inimigo declarado de todo o progresso, como se demonstra facilmente com a coleção do seu jornal *A Folha de Beja*), tendo-se dirigido há poucos dias ao jornal que vós tão galhardamente orientais, declarou que não perseguia nem contribuiu para que fosse perseguida qualquer pessoa.

Não posso afirmar que o sr. Marcos Bentes tenha responsabilidades nas infamias perseguíveis que se tem movido no conchelo, de Odemira a desgraçados que praticaram o grande crime de serem pobres toda a vida. Mas os factos demonstram que o sr. Bentes não é tão santo como pretende ser, e para prova veja-se a calúnia miserável lançada em tempos no seu reaccionário jornal sobre a "Comuna da Luz", que deu como encobridora de roubos praticados na freguesia do Vale de S. Tiago.

Ao tempo, encontrando-me a ferros da República pelo grande crime de ter um grande coração (vá lá um pouco de vaidade), desmenti essa infamia no *Diário de Notícias*, que havia feito a transcrição da *Folha de Beja*. O sr. Marcos Bentes não se penitenciou publicamente da calúnia, confessando o seu erro.

Afirmam-me várias pessoas que o sr. Marcos Bentes foi a mais rancorosa testemunha de acusação que teve o meu processo, obra de gente que só sabe odiar e perseguir. Não posso fazer esta afirmação em absoluto porque sou muito escrupuloso nas minhas acusações. Assim, se realmente o sr. Marcos Bentes não foi um perseguidor da minha pessoa, que o declare publicamente debaixo da sua palavra de honra. Se, como parece, foi testemunha de acusação no processo jesuítico em que estive envolvido, como quer que se acredite na sua declaração de que não perseguia nem contribuiu para que fosse perseguida qualquer pessoa?

Sou a pessoa mais tolerante que existe e, por isso, capaz de perdoar ao meu maior inimigo. Mas sou também muito amigo da Verdade e a verdade, parece, é que o sr. Marcos Bentes é um inimigo terrível de tudo que cheire a progresso. Sendo assim, é de acreditar que não veja com muito bons olhos os homens que são verdadeiramente progressivos.

Nestas condições, ficam os camaradas redactores da Batalha autorizados a fazerem desta carta o uso que entenderem, publicando-a se isso lhes parecer conveniente, pois dela assumo inteira responsabilidade. E oxalá que o sr. Marcos Bentes desminta o que corre a seu respeito, de ter sido o maior perseguidor que teve o Vosso camarada de direito, *Gonçalves Correia*.

Baja, 20 de Abril.

cujo êxito são absoluta garantia os nomes que temos anunciado.

Uma das partes do espectáculo que deve causar a maior admiração e provocar os mais calorosos aplausos é a conferência de arte do nosso camarada Eduardo de Freitas, ilustrada por quatro esplendidas composições mimico-scenográficas, imitação de quadros de arte, do ilustre scenógrafo Frederico Aires, que vai mais uma vez provar o seu inspirado talento.

### O Orfeão Social

Realiza-se hoje o primeiro ensaio

É hoje que, na sede da Federação do Livro e do Jornal, travessa da Agua Fôr, 55, 1.º, se realiza o primeiro ensaio do Orfeão Social. Ainda durante o dia de ontem nos foi dado registar um avultado número de adesões, principalmente do sexo feminino, por forma que não será à falta de componentes que o Orfeão deixará de apresentar-se numa maneira brilhante.

O distinto maestro Tomás Del-Negro, que obsequiosamente se ofereceu para dirigir o orfeão, tem estado fora de Lisboa e não poderá naturalmente tomar parte já no ensaio de hoje. Apesar de tudo, olhando-aos poucos dias que nos separam do festival em homenagem a *A Batalha*, começamos a ensaiar hoje, no local indicado, às 19 horas, (7 da tarde), pedindo-se a comparência de todos os inscritos.

### A Paz e o operariado francês

Um manifesto da Confederação Geral do Trabalho em que se protesta contra a expedição francesa à Rússia

A C. G. T. F. acaba de lançar a publicamente um manifesto acerca da paz preparada pelos Estados burgueses e do qual recortamos os seguintes elucubrativos períodos:

"Desde Agosto de 1914 a Novembro de 1918, que se nos disse e rejeitamos que fazíamos a guerra pelo Direito. Esta afirmação significava que a paz daria aos povos a liberdade de dispor de si próprios, direito baseado no desarmamento geral, única medida que tornaria possível a liquidação das dívidas da guerra.

Hoje rompemos solenemente com as promessas feitas.

Os nossos diplomatas oferecem-nos um projecto de Liga das Nações, que não é a Sociedade das Nações, tal como a definiam os catorze pontos da proposta de Wilson. Esses catorze pontos foram aclamados pelos povos do mundo inteiro, sedentos de justiça. (Nós fizemo-las nossas!)

A classe operária francesa, fiel à sua concepção de "guerra à guerra", levanta-se contra a *sub-tage* da paz.

Os povos não podem ser condenados a, passada a tormenta, ser o objectivo do pagamento dos impostos destinados a equilibrar os orçamentos militares.

A Confederação Geral do Trabalho condena também toda a política exterior de bloqueios, restrições, e intervenções políticas e militares.

Recorda a fórmula da Revolução Francesa:

"Cada nação tem o direito de dar a si própria as suas leis e o direito inalienável de modificá-las; quer arrastado pela força, a um povo estrangeiro, é converter-se em inimigo do género humano."

A. C. G. do T. levanta-se enérgica e firmemente contra a expedição à Rússia, país aliado e ao qual, todavia, não se fez uma declaração de guerra.

A continuação desta política de intervenção faz da França uma potência depositária dos privilégios e das instituições reaccionárias de todos os países.

Esta atitude humilhante e ainda desonrosa não pode admitir-se a classe operária, o povo francês.

Sendo a liberdade de opinião e de pensamento uma das bases da Declaração dos Direitos do Homem, a Confederação dirige um chamamento à opinião pública, a consciência das organizações sindicais, para que uma forte reacção se produza contra este estado de coisas.

A Confederação condena toda a continuação da guerra e reclama, imperiosamente, a conclusão da verdadeira paz, aquela que todos os povos podem aceitar.

### Saúdação a "A Batalha"

Fomos ontem agradavelmente surpreendidos com a recepção de seguinte telegrama, que muito reconhecidos e sensibilizados agradecemos:

Santa Bárbara de Nexe, 21 — T. — A construção civil de Santa Bárbara de Nexe, reunida com a presença de delegados da Federação da indústria, saudam *A Batalha* e a União Operária Nacional.

## Uma incongruência

Informara há dias *A Batalha*, em correspondência do Barreiro, que a direcção da Companhia União Fabril procurava levar a cabo o despedimento de uma parte do seu pessoal, dizendo-se que tal tentativa tinha origem na fundação da sua associação de classe.

Há, porém, um ponto na correspondência que nos deixou atônitos, e não atinamos com o modo de o desculpar. Se o ponto em questão saísse da superior direcção de uma pequena exploração industrial, que geralmente não tem preparação intelectual nem técnica para desempenhar um papel marcante na vida social, era desculpável; mas sair da direcção superior dum estabelecimento fabril como é especialmente a fábrica do Barreiro, considerada, e com justiça, paralela a muitas e das melhores do estrangeiro, e que tem como guia supremo um grande industrial português, como é o sr. Alfredo da Silva, é que não faz sentido.

Uma afirmação mal feita é tanto menos desculpável quanto mais responsabilidade, pelo seu saber, tem quem a faz.

Mas vamos ao caso.

Diz-se na referida correspondência que a fábrica do Barreiro tem duas baterias de fornos destinados à produção de ácido sulfúrico, estando uma em bom estado e a outra carecendo de reparos, no entanto, funcionando as duas baterias, ao que parece, por necessidade, vista a grande procura do artigo no mercado. Sucede, porém, que, por qualquer circunstância que não é da nossa competência averiguar, a direcção deu ordem para que parasse a laboração de uma das baterias, com a afirmativa de que esta ordem era originada pela falta de superfosfatos.

É, pois, a alegação da falta de superfosfatos o ponto que nos deixou atônitos.

Ora, sabe-se perfeitamente que o ácido sulfúrico se obtém industrialmente em fornos de grande produção, com enxofre e vapor de água, que são os elementos principais deste ácido, e cuja fórmula química é:  $SO_2 + H_2O$ . O enxofre queimado produz o anidrido sulfuroso  $SO_2$  e este produto da combustão, mesclado com vapor de água, ácido nítrico ou ácido azótico, que é o mesmo, e com os gases, produto da mescla, água, ar, ácido sulfúrico já formado e ácido sulfuroso  $SO_2 + H_2O$ , dá lugar ao ácido sulfúrico.

As reacções que se efectuam são como segue:  $2N_2 + O + H_2O = 2N_2O_3$ , isto é, o tratamento dos vapores nitrosos  $N_2O_3$  pelo oxigénio  $O$  do ar, em presença do vapor de água  $H_2O$ . O produto do ácido nítrico  $N_2O_3 + H_2O = 2N_2O_4$  e  $2N_2O_4 = 2N_2O_2 + 2H_2O$ , que corresponde ao tratamento do anidrido sulfuroso  $SO_2$  com a ajuda do ácido nítrico  $N_2O_3$ , ficando os vapores nitrosos  $N_2O_3$  e deixando livre o ácido sulfúrico  $SO_4H_2$ . Estes vapores nitrosos condensam-se e são novamente aproveitados, não aparecendo, por isso, na composição do ácido sulfúrico, como elementos de respeito, porque  $SO_4H_2$  quer dizer que, para formar uma molécula de ácido sulfúrico, são precisos um átomo de enxofre  $S$ , quatro átomos de oxigénio  $O$  e dois átomos de hidrogénio  $H$ .

Quem fez a afirmação podia dizer que tinha falta de elementos para a fabricação do citado ácido, como por exemplo falta de enxofre  $S$  e falta de nitrato de potassa (também nitrato ou salitre)  $NO_3K$  ou nitrato de sódio  $NO_3Na$ . Sendo este último mais barato, e havendo-o em grandes quantidades no Chile, podia alegar qualquer impossibilidade para a sua aquisição; porém nunca afirmaria que necessitava de superfosfatos para fabricar ácido sulfúrico, porquanto os superfosfatos tem por base o fosfato tricalcico  $(P_2O_5)_3Ca_2$ , que, tratado com ácido sulfúrico  $SO_4H_2$ , desprende o sulfato de cálcio  $SO_4Ca$  e deixa ficar livre o fosfato monocalcico  $(P_2O_5)_2Ca$  a  $H_2O$ , cuja fórmula química é como segue:  $(P_2O_5)_2Ca + 2SO_4H_2 = 2SO_4Ca + (P_2O_5)_2Ca + H_2O$ . É, pois, este último termo que se denomina superfosfato, e portanto vemos claramente que não é o superfosfato que entra no fabrico do ácido sulfúrico, mas sim este no fabrico daquele.

Verificamos também que para produzir ácido nítrico, como segue:  $N_2O_3 + N + SO_4H_2 = SO_4Na + N + N_2O_3$ . Quer dizer: nitrato de sódio, mais ácido sulfúrico é igual a sulfato ácido de sódio mais ácido nítrico, ou, o que é o mesmo, sobre o sal do Chile reage o ácido sulfúrico, produzindo o sulfato ácido de sódio e deixando livre o ácido nítrico.

Enquanto este facto se produz, já verificamos que na obtenção do ácido sulfúrico são os vapores nitrosos e não o ácido nítrico, que tem influência. É, pois, um gaz e não um líquido.

Muitas mais considerações científicas podíamos fazer. As que ficam, porém, bastam.

Quere a Companhia União Fabril mandar parar os fornos de produção de ácido sulfúrico da sua fábrica do Barreiro. Pois que o faça. Com isso nada temos. Mas não venha iludir a boa-fé do público, com ratiões da natureza da que acabamos de apontar.

Jorge Coutinho.

### Ministro da justiça

Regressa amanhã à noite do norte o ministro da justiça.



Espancamentos em Faro

Acêda do telegrama de Faro, publicado em A Batalha, relatando o espancamento do camarada Neves Anacleto recebemos deste a seguinte carta:

«Presados Amigos e Camaradas, — Veio uma informação em A Batalha, a meu respeito, que é preciso esclarecer.

Não foi o meu ilustre colega Pires Gil preso por protestar contra a minha prisão, mas sim fui eu por fazer um justo reparo à prisão iníqua deste meu amigo.

O caso passou-se da seguinte forma:

Era já tarde quando eu e os meus amigos saímos de casa do meu colega Pires, que nos tinha oferecido uma casa.

Este também saiu, e, quando passávamos por uma rua já exterior à cidade, trocávamos recíprocas checarrias, com o que nada tinha quem quer que fosse.

Um dos nossos amigos despediu-se e como o ouvíssemos, já distante conversar com alguém que não descorriávamos por estar oculto por uma palmeira, para lá nós dirigimos, julgando nós que teria o encontro de algum amigo.

Depois de nos insultar, a prisão por uma resposta adequada e delicada: «Vocês também estão presos!»

Estávamos prontos a acompanhar o homem à esquerda, mas como ele nos queria levar nas pontas dos dedos como quaisquer bonecos, declarámo-lhe que não queríamos ser tratados assim e antes queríamos ir formular o nosso mais veemente protesto, contra tanta estupidez.

Que não! Que não saíramos das suas mãos!

A isto respondi que com tal processo não estava disposto a acompanhá-lo.

A resposta do valentão foi dar-me duas bofetadas e em seguida não me aligeira para puxar da pistola.

A minha resposta foi a de qualquer homem que não seja do gesso.

Apenas uma bofetada da minha parte e já me encontrava cercado de polícias que me conduziram à esquerda, não me tendo abandonado o valentão que já me jarm Manuel Bivar me começou a malhar, com o apazamento dos que me conduziam.

A porta da esquerda deram a ordem: «Aqui não se deixa estacionar ninguém».

Fecharam-me então, e, na presença do cabo, malhar-me até se aborrecerem. Testemunhas disto: a minha cara, a minha cabeça e o meu feto.

Moveram-me então um processo que seguiu imediatamente para juízo, sem que o sr. comissário de polícia tivesse ao menos o critério de me ouvir.

Sabendo disto, o ilustre advogado dr. João Vitorino Mealla, hoje secretário do governo civil, chamou-me ao seu gabinete, na presença do sr. comissário e do valentão que me mandou calar, como autoridade suprema, na frente dos seus superiores. Apenas o dr. Mealla verbalizou o caso, enquanto o sr. comissário se limitou a dizer:

«O sr. Neves Anacleto já tem três prisões».

Sim, tenho três prisões, e estarei, como toda a gente, sujeito a ser preso, enquanto houver a continuação da obra do hediondo coronel Barreiro, conhecido de toda a gente, um Faro e no Algarve inteiro, por Frasinho de Veneno.

Bem vê que se confirma, pela atitude tomada pela polícia mandando-me calar despoticamente na frente dos seus superiores, sem que estes mostrassem dignidade de superioridade hierárquica, o que já me haviam dito e que eu não tomei a sério; que o sr. comissário dissera estar na disposição de meter tudo na ordem, com uma polícia teia.

«E sabem porque não tomei a sério? Porque não há em Faro motivo algum que possa dar razão a semelhante arrazoado. Ou será isto já o plano de 1919?»

19 de Abril de 1919. — Neves Anacleto.

A greve gráfica em Beiro mantém-se com energia

A greve na Vitalidade mantém-se irredutível. Os nossos camaradas em luta estão cada vez mais animados e cheios de entusiasmo, não obstante os industriais da casa em greve afirmarem, provando assim a miséria moral que os caracteriza, que não de obrigam os grevistas a render-se pela fome.

O gráfico de Aveiro, porém, saberia desmentir-lhes. E prova disso é o facto que acabam de firmar e de que os jornais de Aveiro não publicam uma linha sequer em seu desabono, estendendo os gráficos a veicularem essa atitude a tudo o que de desabono se queira dizer contra as classes operárias na imprensa aveirense.

A excepção da Vitalidade, todos os outros industriais anuíam as reclamações de aumento de salário formuladas, indo a Federação do Livro e do Jornal enviar auxílio para Aveiro e iniciando todos os gráficos do país a que punam quaisquer traidores que apareçam a tentar prejudicar a greve em Aveiro.

Morte de um soldado

Na enfermaria 10 (Santo Alberto), do hospital de S. José, faleceu Manuel Lourenço, soldado 860 da 11.ª companhia de infantaria 88, que no dia 3 de Fevereiro último foi ferido involuntariamente por um seu camarada no posto da guarda ao edifício do hospital do Deserto da qual ambos faziam parte.

OPERARIOS DA COMPANHIA DAS AGUAS

Os camaradas da Companhia das Aguas há mais de dez meses que apresentam uma série de reclamações à Companhia, tendo procurado dos poderes públicos auxílio para a sua conquista. Como todas as suas demarches resultassem improfitas, nomearam outra comissão, que vai apresentar as reclamações que publicamos:

1.ª Que os vinte centavos cedidos pela Companhia para os seus operários, a título de subvenção por virtude da Lei da Cerveja, e bem assim os quarenta centavos cedidos pelo Estado em 1918, a quando da sobretaxa sobre o preço da água, sejam integrados nos respectivos salários.

2.ª Que os restantes lucros provenientes dessas sobretaxas e arredondados pela Companhia durante os meses decorridos de de a publicação do decreto até ao presente sejam distribuídos 60/100, e em partes iguais, por todos os operários ao serviço da Companhia, dando-se imediato cumprimento a tal distribuição.

3.ª Que essa partilha de lucros seja feita no futuro e nas mesmas condições, mensalmente, em quanto não for revogado o decreto que permitiu a existência de 20/100 sobre o preço da água.

4.ª Que ao pessoal feminino seja mantida nas mesmas condições de trabalho e regime de férias e que tenha participação na partilha de lucros.

5.ª Que, em caso de doença prolongada e comprovada pelos médicos assistentes dos operários, a Companhia, se não puder pagar o salário integral, dê-lhe o seu salário integral.

6.ª Que o pessoal feminino nas mesmas condições, e durante o mesmo período, receba o subsídio de 600 por dia.

7.ª Que os estabelecimentos, em todos os ramos do serviço da Companhia, a maior equidade na distribuição do trabalho e dos salários, para evitar assim as desigualdades que existem no presente de um certo número de operários como também da própria Companhia.

8.ª Que a Companhia torne extensiva a todas as seções do serviço ou trabalho o dia normal de 8 horas de trabalho.

9.ª Que, em face da rotundidade do alto e baixo comércio em não querer contribuir para a normalização e situação que derive da guerra, os empregados alimentícios, a Companhia dê a máxima expansão e desenvolvimento ao actual Armazém de Viveres, para que sirva de alguma utilidade, e que não tem necessidade de hoje, aceitando a colaboração do seu pessoal.

10.ª Que, pelas mesmas circunstâncias e fins, se ponha imediatamente em laboração e funcionamento a moagem e padaria, a fim de que os operários se aproveitem dum proveito benéfico que hoje não têm e que deriva da guerra.

11.ª Que a todos os operários seja fornecido gratuitamente a água para seu consumo, dando-se-lhes uma média dum metro cúbico por mês.

12.ª Que seja mantida integralmente a antiga comissão de preenchimento de vagas ou não por antiguidade, reintegrando-se nos seus respectivos lugares os operários que deles foram afastados.

13.ª Que se constitua um quadro que comporte todos os operários que actualmente estão ao serviço da Companhia.

Carestia da vida

Os representantes do povo de Setúbal entrevistam o ministro do trabalho

A fim de tratar de efectivar as reclamações do recente comício realizado em Setúbal sobre a carestia da vida, esteve ontem junto do ministro do trabalho uma comissão composta dos delegados dos trabalhadores de Mar, de Setúbal, operários das fábricas, trabalhadores das fábricas, soldados, apasadores de peixe, Metalúrgicos, Artes Gráficas, Pessoal de Limpeza do Município e um delegado da U. O. N.

O ministro, recebendo amavelmente a comissão, com ela falou demoradamente sobre o assunto, aproveitando a ocasião de estar presente o vereador sr. Henrique Claro e o presidente do Sindicato dos Fabricantes de Setúbal.

Depois de trocadas várias explicações entre estes e os comissionados, pois parece que alegando dificuldades de fazer reunir a vereação toda, se negara a câmara a atender as reclamações do povo trabalhador de Setúbal, o ministro do trabalho prometeu remediar o mais possível a situação terrível por que, no respeitante a alimentação, está passando o povo de Setúbal. Prometeu ainda remeter batata para aquela cidade, a fim de a câmara a vender a 150 o quilo e baratear o actual preço do pão, pronunciando-se a favor do fabrico de um único tipo, ao que o respectivo vereador diz ser impossível, visto a quantidade de farinha adquirida, pela antiga vereação não dar margem a tal.

Os comissionados saíram bem impressionados com a atitude do ministro, que, além do exposto, participou nos presentes que vai tratar da mobilização da indústria de conservas e da do peixe.

Uma greve de poucas horas

Solução rápida de um conflito com vitória para os operários

O pessoal do construtor sr. Joaquim Francisco Tejal já há uma semana que andava reclamando junto daquele industrial um aumento de 30 por cento. Em virtude da recusa daquele construtor, que apenas transigia em conceder 12 por cento de aumento, os camaradas que trabalhavam nas suas obras da Rua do Ouro, edifício social da Companhia Sagres, da Avenida da República, pacificamente em frente à praça de touros do Campo Pequeno, do Caia do Sudré Hotel Central, o pessoal da oficina do referido construtor, na Travessa da Pereira, abandonaram ontem de manhã o trabalho. E tanta união e decisão demonstraram com esse seu gesto, que ao meio dia estava o conflito resolvido, com transigência de ambas as partes.

Assim, o pessoal pegou no trabalho no meio dia da tarde com o aumento de 20 por cento nos salários.

O pessoal veio declarar-nos que não consentira na transigência, por vingança, de qualquer dos seus companheiros de uma obra para a outra.

A essas camaradas pavia a A Batalha, as suas sinceras felicitações pela vitória alcançada.

Cadáver à tona de água

O rebocador Voador trouxe ontem a para o Caia das Colunas um cadáver que encontrou à tona de água. O caí, ver, que é de homem, parecendo tratar-se de um estrangeiro, foi encontrado completamente nu, trazendo no peito, em tatuagem, uma estrela e uma figura, e numa das pernas a letra M, também tatuada.

A BATALHA VIDA SINDICAL

U. O. N.

Proseguir ontem a reunião do Conselho Central deste organismo, que decorreu bastante animada, tendo continuado a discussão em torno do relatório da greve geral de Novembro, movimento este que provocou uma acalorada discussão entre alguns delegados. A discussão prosseguiu na futura reunião, que se efectua sexta-feira.

Foram nomeados para representar a U. O. N. em comícios que no dia 1.º de Maio se efectuem: para Beja, Manuel Joaquim de Sousa, João Barbosa, um delegado da Federação da Construção Civil e outro da Federação Rural, a nomear pelas mesmas federações; para a Covilhã, Abel Pereira e para Évora, Raul Baptista.

A comissão organizadora do II Congresso Nacional ficou constituída pelos seguintes delegados, aos quais foi dada a faculdade de agrupar quaisquer outros elementos: Manuel Joaquim de Sousa, Abel Pereira, António Gomes do Amaral, Joaquim Francisco e Miguel Correa.

Amanhã, às 21 horas, reúne a Comissão Administrativa.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil. — Esta Federação, tendo conhecimento de que o director do hospital dos mutilados da guerra, em Arroios, tinha despedido os operários que ali andavam a trabalhar, enviou uma comissão a entrevistá-lo com o ministro da guerra, para obter a colocação daquele pessoal noutras obras, segundo promessa já anteriormente feita. Ficou resolvido que todo o pessoal regressasse novamente ao mesmo trabalho hoje, ficando avisados por esta forma a comparecer ao trabalho.

Esta Federação tomou conhecimento de que os operários que trabalhavam por conta do mestre de obras, Joaquim do Tejal, resolveram largar o trabalho reclamando um aumento de 20 %.

Para tratar de assunto urgente é convidado o camarada José Bernardo Sales, que trabalha nas obras do liceu Cambes, a vir hoje, à noite, à sede da Federação.

Para continuação dos trabalhos pendentes, reúne hoje o Conselho Federal. Operários do Município. — A comissão encarregada de distribuir listas da subscrição de auxílio para A Batalha, pede a todos os camaradas que tenham listas em seu poder que as entreguem a um membro da comissão, que se encontra todas as noites, das 20 às 22 horas, na sede deste sindicato, travessa da Água de Flor, 20, 2.

Fabricantes de Cal. — Reuniram em sessão magna no dia 17 do corrente, sendo aprovada a circular apresentada pela comissão, a qual já está sendo entregue aos industriais de pedreiras, fábricas de cal, arieiros de desastrosos. Reclamam esta classe um aumento de 1500 sobre os salários que está auferindo, assim como o dia normal de 8 horas.

Reunem hoje, pelas 21 horas, os operários de pedreiras, catrias, areceiras e desastrosos.

União dos Funcionários e Assalariados do Estado. — Realizou-se no último sábado a assembleia de delegados, fazendo-se representar o Arsenal do Exército, Imprensa Nacional, Pessoal Menor das Secretarias do Estado, Exploração do Porto de Lisboa, Oficinas da Alfândega, Manutenção Militar, Depósito Central de Farmamentos e Hospitais Civis.

Presidência Augusto de Sousa e serviu de secretário Eduardo Costa. Este camarada, delegado do Pessoal Menor das Secretarias do Estado, declara que a sua classe vai exercer a acção que lhe compete em presença da grande disparidade existente entre o seu subsídio para renda de casa e o que se destina ao pessoal maior.

Manuel Canhão, delegado do pessoal da Imprensa Nacional, aborda o mesmo assunto considerando injustificável a concessão do subsídio de 6000 ao pessoal menor e de 30000 ao pessoal maior. Por isso está certo que a assembleia concorda plenamente com a acção que os referidos camaradas exerceram nesse sentido. A assembleia manifesta-se de acordo com estas considerações.

Entrando-se na ordem dos trabalhos, o camarada Evaristo Esteves, delegado do pessoal do Arsenal do Exército e membro da comissão organizadora, lê o Estatuto da União.

Reconhecendo-se que com esta simples leitura era impossível apreciar-se devidamente este trabalho, o mesmo camarada propôs que se fizessem tantas cópias quantos forem os sindicatos, a fim de os respectivos delegados analisarem cuidadosamente as suas disposições, e numa próxima assembleia se poderem discutir com o conhecimento necessário.

Maquinistas Fluviais do Rio Douro. — A Associação desta classe enviou ao ministro da marinha as seguintes reclamações:

1.ª Para que todos os maquinistas autorizados ou diplomados seja obrigatória a sua inscrição no livro do registo da capitania ou outro que para isso seja criado, para quando os armadores necessitem utilizar-se do serviço deles, não item capitania serem procurados;

2.ª Não ser permitidos exames senão a indivíduos que sejam profissionais e que a Associação comprove que são, e quando não haja maquinistas desempregados;

3.ª Que para futuros exames que se tenham de fazer, a Associação tenha um só profissional em representação te junto de juri da capitania para poder assistir aos mesmos;

4.ª Quando haja maquinistas desempregados, e que o armador ou armadores não queiram utilizar-se dos serviços de qualquer um, terá de provar na capitania e juntamente na Associação, os motivos porque não são utilizados para esta averiguação;

5.ª Para que de futuro deixe de existir o nome de provi-ório nos documentos passados a maquinistas e fique vigorando o de autorizado;

6.ª Que terminada a safra de pesca, os armadores sejam obrigados a conservar os maquinistas a bordo dos barcos em que trabalham para a conservação das máquinas que lhe foram confiadas;

7.ª Que nenhum barco traineira possa andar no seu mister sem que haja dois foguistas, visto o constante trabalho que existe nesses barcos não dar tempo a que o maquinista possa ter e descansar preciso e poder desempenhar a seu contento a missão a que está entregue;

8.ª Que a todos os maquinistas matriculados na capitania do Porto sejam dadas iguais regalias às dos maquinistas fluviais matriculados na capitania de Lisboa, para que gozem dos mesmos benefícios que a lei em vigor a estes concede.

Pessoal da C. U. F. (Lisboa). — Reunem no Centro Socialista de Alcátara, tratando da questão do despedimento de alguns camaradas no último sábado, em virtude de se terem associado. Sanccionou as reclamações a apresentar à Companhia, entre as quais as mais importantes são: dia normal de 8 horas; aumento de 600 para os ordenados entre 1500 e 1550, de 550 para os que medeiam entre 1550 e 1630 e de 40 para todos os ordenados que vão além; que a subvenção seja integrada no salário fixo; que todos os menores que auferam de um escudo para baixo tenham um aumento geral de 500. Reclamam ainda várias melhorias de ordem moral.

As reclamações devem ser entregues amanhã à Companhia, estando a classe na disposição de tomar uma atitude enérgica no caso de que esta não dê uma resposta satisfatória no prazo de 48 horas concedidas para deliberar.

UNião dos Sindicatos Operários.

Reunem hoje a comissão administrativa juntamente com a comissão de propaganda sindical.

ULTIMAS NOTICIAS

A agitação em Espanha

O ministro do interior diz que procurará evitar medidas de rigor contra os grevistas

MADRID, 19. — O ministro do interior declarou que demorará o mais possível o momento de empregar medidas de rigor contra os grevistas. Ele mesmo deu um prazo, que termina à meia noite de hoje, para retomarem o seu serviço. Todos os conservadores reunidos sob a presidência do sr. Dato, decidiram renovar ao gabinete actual a sua incondicional adesão e o seu apoio para a manutenção da ordem, e ao parlamento para a aprovação do orçamento. A concessão de Paris está gravemente doente no seu palácio da Vila Manrique, onde chegaram sua filha a infanta D. Luísa e seu genro o infante D. Carlos.

Perseguições aos grevistas. — Não se consentem actos de «sabotage» nos telegrafos

MADRID, 19. — Os jornais são unânimes em deplorar os incidentes desagradáveis que se deram ontem no edifício dos correios e telegrafos e que demonstraram pouca civilização da parte dos provocadores que se fazem aumentar uma atmosfera já muito carregada contra o governo. A greve dos telegrafistas continua. As reclamações do governo, ele mesmo não comunica senão com uma ou duas palavras limitadas. Esta manhã o comité da defesa dos telegrafistas foi preso e encarcerado, assim como muitos chefes telegrafistas.

Certos telefonistas foram igualmente presos, e outros são acivamente perseguidos por actos de sabotage. Parece que o governo está informado das manobras que empregam os empregados de comunicações para obterem a cooperação dos importantes elementos operários.

Esta tarde certas habas servidas por engenheiros civis serão abertas ao público, parecendo que empregados de certos distritos da provincia se ofereceram para retomar o serviço. Está provado que nenhum acto de sabotage se cometeu no telegrafo. — H.

Torneiros em Madeira. — A comissão revisa a de contas reúne hoje, às 20 horas, para conclusão dos trabalhos pendentes.

Pessoal Extraordinário dos Tabacos. — Esta classe reúne em assembleia geral hoje, em primeira convocação, pelas 19 horas, para eleição de novos corpos gerentes. Em caso de falta de número de vereadores no próximo dia 29, a mesma hora, com idêntica ordem de trabalhos.

A actual direcção roga a comparação, hoje, sem falta, às 20 horas, de todos os camaradas que em 16 do corrente não foram indigitados para a grande comissão de estudo a fim de levar à prática interesses respeitantes a sócios deste sindicato que se encontrem no gozo dos seus direitos até à segunda semana do próximo mês. Declara-se a direcção, inubada de toda a responsabilidade, para com os que assim não comparecerem, pois não acham justo que esses sócios, colaboradores lealmente na exploração, que assim fazem aos seus camaradas.

Caixeiros de Lisboa. — Reunem amanhã a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Apreciar e resolver sobre uma proposta da direcção tendente ao aumento da cota social.

2.ª Apreciar e resolver sobre uma proposta da mesma entidade para a venda do material do grupo sportivo.

3.ª Tomar conhecimento do pedido de demissão do delegado adjunto à U. S. O. e nomear, em caso de aceite, novo delegado.

4.ª Tomar conhecimento do pedido de demissão do secretário e de dois vogais da direcção e prover por eleição os lugares vagos.

Empregados Menores de Comércio e Indústria. — Reunem hoje, pelas 21 horas, para discussão e votação do relatório, nomeação da direcção e do conselho fiscal.

Federação da Construção Civil. — O conselho técnico desta Federação reúne hoje, para tratar de assunto urgente.

Manufactureiros de Calçado. — A reunião da direcção que ontem se devia realizar ficou transferida para hoje à mesma hora.

Sindicato Único das Classes Metalúrgicas. — Reunem hoje, às 21 horas, para o conselho técnico e de melhoramentos e bolim de trabalho, a fim de apreciar assuntos de magna importância.

Canteiros. — Reunem a assembleia magna amanhã, para apreciar os trabalhos da comissão de inquérito e o procedimento da camarada Sabino Raimundo, no que respeita ao caso das guias.

Sindicato Ferroviário. — Reunem hoje a Secção de Exerctórios, em sessão magna, para discutir e votar o relatório da Comissão de Secção, cujas conclusões foram publicadas no n.º 151 de O Ferroviário, de 15 do corrente.

ESTOADORES E DECORADORES PROSEQUE A GREVE

Continua sem desfalecimento o movimento desta classe em prol das suas reivindicações.

O dele do F. I. M. deu conta da sua demarche junto dos industriais, realizada na Associação de Lofistas, tendo-se comprometido uma comissão de industriais a enviar as suas resoluções em ofício dirigido para a sede da associação.

A classe reúne hoje às 11 horas para tomar conhecimento das deliberações dos industriais.

Pichon interpellado

Os preliminares do armistício e a questão de confiança

PARIS, 16. — Na câmara dos deputados o sr. Pichon em resposta a interpegação sobre as condições em que o governo dará a conhecer as condições da paz, declarou que os preliminares do armistício serão submetidos à ratificação das câmaras, tão depressa se tornem preliminares de paz, isto é, logo que tenham a assinatura de todas as partes contratantes; e acrescentou que a teoria do governo é conforme com o texto e o espírito da constituição e que os preliminares da paz não podem mais ser submetidos à apreciação do parlamento, porque, procedendo assim, o poder legislativo substituir-se-ia ao poder executivo.

O sr. Pichon terminou dizendo que se esforçará por informar os membros do parlamento na medida do possível. As negociações estão quasi concluídas e é provável que numa data muito aproximada o inimigo seja chamado a aceitar as cláusulas dos aliados. O sr. Pichon pôs a questão de confiança.

Alguns socialistas e o sr. Franklin Bouillon, presidente da comissão dos negócios estrangeiros, lamentam o silêncio do governo; queriam que este fizesse conhecer, nas suas linhas principais, os preliminares da paz. Ouvindo-se exclamações de «amanhã» — o sr. Pichon pôs o encerramento do debate e pôs a questão de confiança, acrescentando que, se forem feitas declarações mais extensas em qualquer parlamento aliado, a câmara poderá renovar o debate.

O adiamento para amanhã é rejeitado por 344 votos contra 166. Os srs. Renaudet e Mayeras opõem-se ao encerramento e pedem o escrutínio público na tribuna.

A câmara resolve que o escrutínio tenha lugar. As 3 horas foi levantada a sessão. O encerramento da discussão foi votado por 212 votos, havendo várias ordens do dia.

O governo pede a ordem do dia pura e simples que implica confiança no governo, a qual foi aprovada por 366 votos contra 126. — H.

Soluciona-se a greve dos operários carticeiros da casa Quintino & Nunes

BARREIRO, 21. — Depois de uma conferência no ministério do trabalho, entre o ministro, os industriais e a comissão dos operários em greve, ficou o conflito solucionado, havendo transigência das partes em litígio.

Resolvou-se o direito dos operários secundarem o movimento geral, que a Federação Carticeira em breve vai iniciar, como anunciámos, declarando os industriais que se prontificam a conceder aumentos iguais aos dos outros seus colegas, logo que estes o façam.

Na impossibilidade de darmos hoje uma notícia mais circunstanciada, visto que tardiamente nos foram facultadas estas informações, completá-las-hemos amanhã.

As classes do livro e do jornal Vão reclamar o salário mínimo

Efectua-se hoje a primeira assembleia das classes do livro e do jornal, convocadas pela sua Federação, a pronunciar-se sobre um projecto de Convénio de Trabalho, para debater este assunto, sendo esta assembleia da classe dos compositores tipográficos (casas de obras e jornais) que é quem primeiro vai manifestar-se.

O projecto de convénio de trabalho é baseado nos seguintes princípios, que transcrevemos de O Gráfico, que acabamos de receber:

a) Desempenhar os salários mínimos segundo as necessidades da vida local, reclamando, e se necessário, aumento de salário, para atender a necessidades, os os salários vigentes forem inferiores.

b) Libertar o patronato do premiar como entender os melhores artistas acima desse salário mínimo.

c) Fixação de que salário para cima se é oficial de que salário para baixo se considera o operário aprendiz, pelo reconhecimento do salário mínimo de oficial.

d) Fixar os anos necessários para aprendizagem e fixar a escala ascendente dos salários e tempo necessário, durante os anos de aprendizagem, para tomar cada um dos pontos dessa escala, até ao acesso ao oficialato.

e) Conquistar, obtido o acesso ao oficialato, a organização e organizada assim a indústria, que a indústria aderente a igualdade, a receber, as melhorias, quando os associados.

f) Conquistar dos industriais o compromisso de que nunca oferecerem maior salário a um operário que o tido por este na sua casa e de, não aprenderem que ingressem numa casa nova, serem dados aumentos sobre o salário de outras segundo o tempo e escala de aumento de salário que se consiga fazer vigorar na indústria.

g) Procurar com que estabeleçam horas uniformes de abertura e encerramento das oficinas.

h) Procurar estabelecer, na indústria, os melhores meios de ensino e de recreio, e de melhoria da situação, estabelecendo o primeiro de aprendizagem, estabelecendo o primeiro de aprendizagem, estabelecendo o primeiro de aprendizagem.

i) De esperar, atenta a importância do assunto que vai debater-se, um grande interesse da classe tipográfica associada, que mais uma vez vai, decerto, mostrar o elevado grau da sua consciência.

O 1.º de Maio

Continuam as sessões preparatórias do comício que a U. S. O. vai promover. Efectua-se hoje, pelas 21 horas, mais uma conferência da série que a União dos Sindicatos Operários resolveu promover como preparação do grandioso comício operário que deve ter lugar no próximo dia 1.º de Maio.

A de hoje terá lugar na Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 255, 1.º, sendo conferente o nosso camarada Eduardo Freitas, trabalhador de teatro.

Amanhã, o camarada José Maria Gonçalves falará na sede da U. O. N.







## INTERNATO

Plano dos estudos aprovado  
pelo Governo

- (a) Instrução primária
- (b) Curso completo dos liceus
- (c) Curso teórico-prático do comércio
- (d) Música e piano
- (e) Ginástica

(Decreto de 29 de Agosto de 1905)

## COLÉGIO LUSITANO

Instituto Primário, Secundário e Comercial

APROVADO PELO GOVERNO

\* \* \*

PROPRIETARIO-DIRECTOR

JOSÉ NEGRÃO BUÍSEL

PORTIMÃO

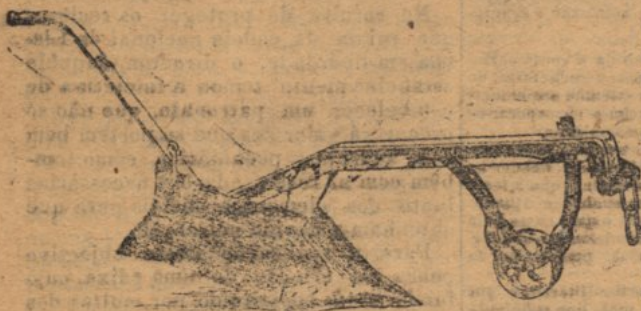
O mais importante do Algarve

## CHARRUAS as mais perfeitas

FABRICAÇÃO DE

E. DUARTE FERREIRA &amp; FILHOS (Engenheiros)

## TRAMAGAL

NORAS para tirar agua — PRENSAS para vinho. — Instalações  
completas de LAGARES DE AZEITE

GRANDES OFICINAS E ESCRITÓRIO junto à estação do Caminho de Ferro do Tramagal

## MARCENEIROS

Proclamam-se bons côfades no Salão Luz  
R. de S. Francisco de Paula n.º 132-A  
a 134-C (à Pampulha)

## BARREIRO

Agradecimento

José Pereira Fernandes e sua esposa agrade-  
cem resoluções a todas as pessoas que se di-  
stingiram acompanhando o funeral do seu filho  
falecido, que se realizou no dia 7 do corrente, na  
impossibilidade de o fazerem pessoalmente.Henrique Afonso Pereira  
Condinho  
FALECEUGeorgina Gonçalves Condinho, Helena Rosa  
Condinho, Américo Gonçalves Condinho, Alida  
Gonçalves Condinho, Maria Luísa Condinho, Al-  
varo Eugénio Pereira Condinho, Cláudio Pereira  
Condinho participam o falecimento de seu mari-  
do, pai e irmão, que se deu de sepultar na quarte-  
leira, pelas 14 horas, sábado e préstito da trave-  
sa do Olival, a Santos n.º 5, para o cemitério  
oriental.

## CLINICA DENTARIA

Tratamentos de doenças da boca e ex-  
tração de dentes absolutamente sem dor.  
Colocação de dentes artificiais pelo  
sistema americano (sem placa).  
Extração gratuita de dentes sem dor à  
classe operária, às terças e quintas feiras  
das 9 às 11. Tratamento a prestações, com  
20 % de abatimento; sendo 10 % para a  
Batalha e 10 % para o cliente.

## BARROS MARINHAS

Rua da Assunção, 25, 3.º

(esquina da rua da Prata)

## Armazens de Calçado

do Socorro L. da

157 Rua da Palma 159  
(em frente do Teatro Apolo)  
Telefone C. 3259

Calçado barato e de luxo

O calçado mais barato de Lisboa

Encomendas para Africa e Provincas contra  
reembolso

Malas, Cartolas e Pastas

Só comprem na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.º

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

GRANDES ABATIMENTOS!

Solás, cabedais e ar-

tigos para sapateiro

Pomadas, graxas, etc.

Dirigir-se à

Travessa dos Remolares, 30, 1.º

Telefone 1304-Central



## CASA MARIPOSA

J. Vaz Ferreira

87, Rua dos Fanqueiros, 89

Casa que mais barato vende

Fatos para homens desde 16\$500

Casacos para senhoras desde 8\$500

Lans para vestidos desde \$700

Cassas para blouses desde \$400

Grand' sortido em confecções de peles.

Panos para lenços, panos crus, sarjões

crus, panos brancos, riscados, zefiros

para camisas.

Especialidade em casacos de astrakan.

Grandes abatimentos em todas

as fazendas

Banco Português  
e Brasileiro

SÉDE

Rua Augusta, 34 — Lisboa

FILIAL

P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL:

Esc. 3.500:000\$00

RESERVAS:

Esc. 1.405:000\$00

## Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo  
em moedas portuguesas e estrangeiras

## Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as  
principais praças do mundooperações bancárias  
de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZI-  
TANA, e por um preço baratissi-  
mo, compro um chapéu bom, boni-  
to, bem acabado e duma solides capaz  
de resistir a todos os vãos.

## CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

## SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da  
sífilis e de todas as doenças que derivam da im-  
pureza do sangue. Contem de pessoas ao teor  
curado. Trata-se de todas as doenças por meio de  
ervas. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21,  
rez-do-chão, digito, à Estrela.

## OURO

Mais barato e só  
pelo peso

## NÃO SE PAGA FEITO

Cordões, Cadeias, Brincos, Traves-  
sões, Alfinetes para gravata e mais  
artigos que se vendem pelo peso.

Vende só

A Ourivesaria  
do Barateiro Pimenta  
RUA DA PALMA, 2

## Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade anónima. — Estatutos de 30  
de Novembro de 1894

AVISO AO PÚBLICO

Tarifa especial n.º 4 — Grande velocidade

para transporte de METÁLICO, VA-

LORES E REEMBOLSOS

A começar em 15 de Maio de 1919 os preços do

3.º da tarifa acima indicada, aplicável a reem-

bolsos, são modificados como abaixo se indica,

sem prejuizo de, sobre eles, continuarem a incidir

as sobretaxas que estejam em vigor à data da ex-

piação.

Percurso. — Preço por fracção individual de

500. — Até 50 quilómetros, 803; de 51 a 100, 805;

de 101 a 150, 807; de 151 a 200, 809; de 201 a 250,

811; de 251 a 300, 813; de 301 a 350, 815; de 351 a

400, 817; de 401 a 450, 819; de 451 a 500, 821.

Em tudo o mais ficam em vigor as condições da

referida tarifa.

Lisboa, 19 de Abril de 1919. — O Director Geral

da Companhia, (A) Ferreira de Mesquita.

## Tinturaria a Vapor

— DE —

Maria d'Assunção Silva Branco

45, Calçada do Carmo, 47

TELEFONE 2019

TINTE em todas as cores e lava toda a qualidade

de lã, seda, 12, algodão em fio, roupas

de senhora e fatos de homem, feltro e demais

alçados, peleries, capas de borracha, reposteiro,

peles, feltros e tapetes.

Dégrasage à sec

Livros novos e usados

Compram-se e vendem-se todas as

obras de sociologia, arte e literatura,

no Mercado Literário de José da

Silva Oliveira, Calçada do Com-

bro, 38-A.

## Propaganda so oial

Serie de folhetos em preparação

N.º 1

Necessidade da Associação

Por José Prat

Ao Trabalhador Indiferente

Por Pinto Quartim

Preço de cada 60 rs.

## Empresa Editora Popular

(Officinas Graficas)

Papellaria, Livraria, Tipografia, Encadernação  
e Carimbos de Borracha

Especialidade em BILHETES POSTAIS ILUSTRADOS e Livros escolares

R. do Poço dos Negros, 79 a 83-A — LISBOA Telef. 4009 C.

## JESUS NA GUERRA

Novidade literaria da maior actualidade

As mais interessantes teorias sociaes

A' venda — Preço 50 centavos 500 réis

Pedidos á EMPRESA EDITORA POPULAR

Rua do Poço dos Negros, 79 a 83